

O apagamento do -R em final de infinitivos verbais em textos escolares do 6º ano do Ensino Fundamental II

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v52i1.3498>

Sabrina Evelyn Cruz Oliveira¹
Natália Cristine Prado²

Resumo

Este estudo tem como objetivo investigar o apagamento do -R em final de infinitivos verbais presentes em textos de alunos do Ensino Fundamental II, tecendo reflexões a partir dos dados gerados, observando os possíveis fatores linguísticos condicionantes do fenômeno, tais como os contextos fonológicos precedentes e seguintes e a extensão do vocábulo. Para o *corpus* desta pesquisa, foram coletadas, quantificadas e analisadas 82 redações de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II de duas instituições de ensino de Porto Velho – RO. Constatamos que, dos 545 infinitivos verbais escritos, houve 112 ocorrências de apagamento do rótico em posição de coda final, o que corresponde a 20,55% do total, a partir das quais se constata que a posição de coda final e o contexto fonológico podem influenciar o (não) apagamento do rótico, que se mostra mais frequente em verbos de 1ª conjugação e seguidos de consoante.

Palavras-chave: fonologia; oralidade; escrita; infinitivos verbais.

1 Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Porto Velho, Rondônia, Brasil; sabrinaaevelyn@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0003-3115-3547>

2 Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Porto Velho, Rondônia, Brasil; natalia.prado@unir.br; <https://orcid.org/0000-0001-8947-4330>

The deletion of -R at the end of verbal infinitives in school texts of the sixth grade of Middle School

Abstract

This goal of this study is to investigate the erasure of the -R at the end of infinitive verbs found in texts by middle school students, making observations based on the collected data, observing the determining linguistic factors for the phenomenon, such as the preceding and upcoming phonological contexts as well as vocabulary extension. For the corpus of this research, 82 essays written by sixth-grade students were collected from two educational institutions in Porto Velho - RO, quantified and analyzed. We established that, out of the 545 verbal infinitives written, there were 112 rhotic erasing occurrences in final coda position, corresponding to 20,55% of the total, from which is found that the position of "final coda" and the phonological context might influence the rhotic (non) erasure, which appears to be more frequent in first conjugation verbs followed by a consonant.

Keywords: phonology; orality; writing; infinitive verbs.

Introdução

Sabemos que a escrita da língua portuguesa é materializada por meio de símbolos alfabéticos e é regida por normas ortográficas. Para Cagliari (1992, p. 57), a ortografia é uma convenção sobre as possibilidades de uso do sistema de escrita, de tal maneira que as palavras tenham um único modo de representação gráfica. Além disso, a ortografia serve para neutralizar a variação linguística no momento da escrita. Assim, é importante levarmos em conta que a ortografia disponível para a composição dos textos escritos em língua portuguesa não tem por objetivo representar fielmente a fala nem acompanha as mudanças constantes e naturais da oralidade.

Dessa maneira, surgem as formas não-convencionais de escrita, presentes em textos escolares, por exemplo, e que representam, em muitos casos, marcas de oralidade. Um exemplo de forma não-convencional é a omissão do -R final na escrita de infinitivos verbais. Segundo Costa (2015, p. 90), o apagamento do -R é um processo fonológico na visão da fonologia, mas na linguagem escrita é considerada uma forma não-convencional, já que não corresponde às convenções da ortografia prescritas na norma-padrão.

O fenômeno de apagamento de /R/³ é uma das muitas variações que ocorrem na língua portuguesa. Callou, Moraes e Leite (1998, p. 72) afirmam que o apagamento de /R/ final

3 Nesse caso, representado entre barras por referir-se a um arquifonema, que tem como correspondentes fonéticos um conjunto de sons de róticos. É importante sublinhar que a análise dos dados desta pesquisa envolve o apagamento de uma letra -R, a qual, nesse caso, tem valor grafêmico que recupera um arquifonema /R/.

na fala tem sido um fenômeno que, ao que tudo indica, é, hoje, uma variação estável, sem marca de classe social, assim, deixou de ser tratado como uma pronúncia estigmatizada e passou a corresponder a uma nova norma introduzida na comunidade.

Assim, este estudo pretende analisar como a oralidade está relacionada a ocorrências de formas não-convencionais de escrita, como infinitivos verbais escritos sem o -R final, a partir da investigação dos seus possíveis fatores condicionantes, visando refletir a relação da escrita com a fonética e a fonologia da língua portuguesa.

Destacamos que a escolha desse fenômeno apenas em contexto de infinitivos verbais se dá já que, em outras pesquisas linguísticas, como as de Callou, Morais e Leite (1998) e Mendes e Oushiro (2014), atestou-se que o apagamento do /R/ é mais recorrente, em ambiente de fala, nos verbos do que em não verbos. Outras pesquisas (Callou, 1979; Votre, 1978 *apud* Mollica, 2016, p. 29) demonstram ainda que o apagamento do rótico incide mais em formas verbais infinitivas e em posição de final de palavra (como em “agradecer”). Assim, buscamos investigar se essa tendência pode ser observada também na escrita e quais são seus possíveis fatores condicionantes.

Da oralidade à escrita

Para discutir o apagamento do -R em textos escolares, é importante refletir a relação estabelecida entre a oralidade e a escrita. Oliveira (2005, p. 15) afirma que uma das concepções da aprendizagem da escrita é o processo de construção e conhecimento intermediado pela oralidade. O aluno, em fase de amadurecimento linguístico, formula e reformula hipóteses na interação com a escrita tendo como base, principalmente, a variação da fala. Assim, podemos observar que algumas das formas que não obedecem às convenções ortográficas escritas em textos são influenciadas, também, pela oralidade, de modo que, ao investigar suas características, possam ser propostas hipóteses sobre a ocorrência dessas formas, além de tornar possível a elaboração de estratégias para que os alunos possam superá-las.

Conforme Bortoni-Ricardo (2005, p. 53) aponta, é preciso levar em conta a interferência das regras fonológicas e morfossintáticas da variedade do aluno na aprendizagem do português-padrão, uma vez que, quando conhecidas as suas características, os equívocos que cometem passam a ser previsíveis e passíveis de sistematização. É necessário que essas formas não-convencionais sejam utilizadas como ferramentas pedagógicas de conscientização do aluno quanto às diferenças sociolinguísticas, a fim de fornecer-lhes a variante adequada aos estilos monitorados orais e à linguagem escrita. Muitas vezes, deixar de pronunciar determinados sons não chega a causar danos na comunicação, no entanto, na escrita, é indispensável saber que tal som deve ser representado por determinado grafema, em consonância com o que regem as normas ortográficas.

Cagliari (1992, p. 61) reflete que as crianças usam a sua fala como referência para a escrita: “[...] o aluno erra a forma ortográfica porque se baseia na forma fonética; os erros que comete revelam claramente os contextos possíveis, [...] e não ocorrências aleatórias”. Dessa forma, como não pronuncia o /R/ em fim de palavras, o aluno, algumas vezes, transfere essa característica da oralidade para a escrita, e confunde-se ao escrever formas verbais no infinitivo, como “correr”, sem o -R final, colocando-a como “corre”.

Segundo Pedrosa (2014, p. 57), o estudo do apagamento da coda e sua relação com o processo de aquisição da escrita é muito relevante, já que, de início, os alunos ainda estão se familiarizando com as convenções ortográficas e ainda acreditam que a escrita é uma simples transcrição da fala.

A partir disso, além de considerar as interferências da fala na escrita como previsíveis – e passíveis de sistematização –, entendemos que são resultados das relações entre as variações da oralidade e da escrita, constituídas por meio de práticas sociais e letradas.

Discussão e análise dos dados

Esta investigação, de cunho quantitativo e qualitativo, organizou-se metodologicamente em quatro etapas principais: i) coleta e organização de textos de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II; ii) coleta e organização de casos de apagamento de -R no final de infinitivos verbais; iii) quantificação, organização do *corpus*; iv) descrição e análise dos dados coletados.

As redações foram produzidas em duas escolas que autorizaram a coleta de dados, a partir de temas pré-selecionados e discutidos em sala de aula – para o gênero, optou-se pelo narrativo –, em folhas brancas pautadas e sem identificação por nome do aluno-autor de cada texto. No total, 82 redações foram autorizadas⁴ a integrarem o banco de dados, estas, portanto, foram digitalizadas, tiveram seus conteúdos digitados, respeitando-se as especificidades de escrita encontradas, e identificadas apenas por um número (Informante 01, Informante 02 etc.).

Ao realizar a análise e a organização das 82 redações escritas individualmente por alunos do 6º ano, constatamos que, dos 545 verbos no infinitivo contidos nos textos, houve 112 ocorrências de apagamento do -R no final de infinitivos verbais, como disposto na tabela a seguir, dividindo os verbos por suas conjugações.

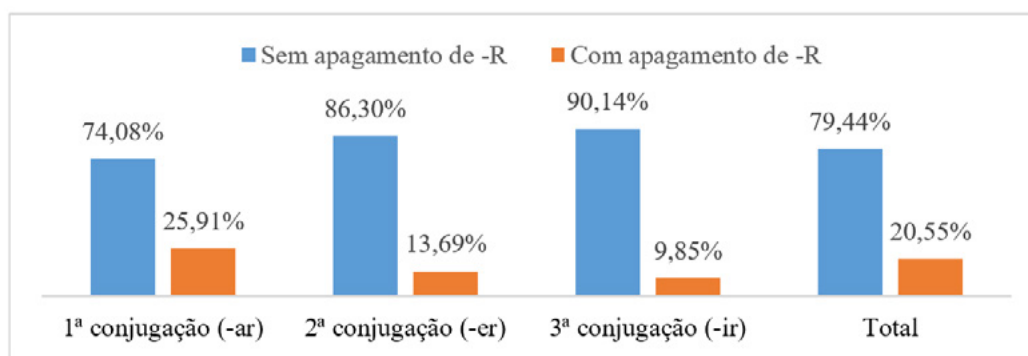
4 Esta pesquisa está registrada na Plataforma Brasil e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (parecer 2.689.238). Todos os informantes e seus responsáveis legais preencheram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, redigido de acordo com as recomendações da resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde – CNS.

Tabela 1. Quantidade de infinitivos verbais de 1ª, 2ª e 3ª conjugações sem e com apagamento de -R

Infinitivos verbais	Sem apagamento de -R	Com apagamento de -R	Total
1ª conjugação (-ar)	243	85	328
2ª conjugação (-er)	126	20	146
3ª conjugação (-ir)	64	7	71
Total	433	112	545

Fonte: Elaboração própria

Figura 1. Comparativo de infinitivos verbais de 1ª, 2ª e 3ª conjugações sem e com apagamento de -R



Fonte: Elaboração própria

Essas formas não-convencionais não se devem apenas a equívocos que decorrem do desconhecimento da norma, mas da interferência das regras fonológicas e morfossintáticas da variedade do aluno. Mollica (2016, p. 29) afirma, sobre o apagamento de /R/, que condicionamentos de natureza psicolinguística (extensão do vocábulo), de natureza morfossintática (forma gramatical) e natureza fonológica (posição da sílaba na palavra) interagem com forças pragmáticas: o rótico é mais realizado em contextos formais. Assim, questões que são inerentes ao sistema linguístico coatuam com forças de fora do seu universo. A seguir, elencamos algumas hipóteses de questões internas à língua que podem ter condicionado essas ocorrências.

/R/ em posição de coda final

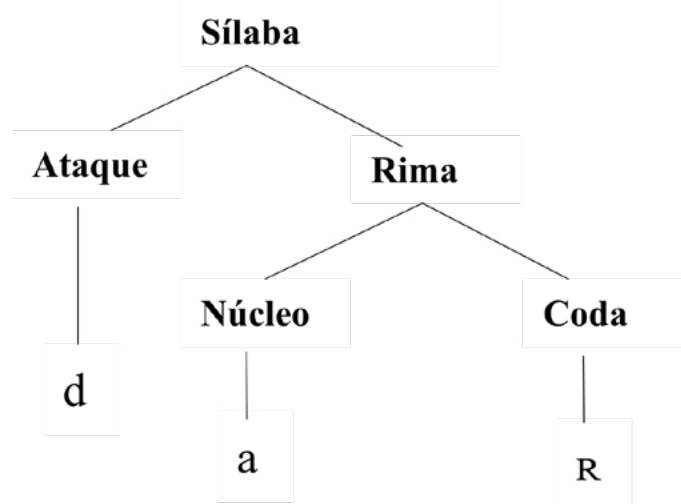
Para compreendermos esse processo fonológico, será fundamental discutirmos primeiramente a estrutura silábica. Segundo Alves (2017, p. 129), para o modelo fonológico proposto por Selkirk (1982),

[...] o mapeamento dos segmentos se dá a partir de um molde silábico predefinido pelo pesquisador para a língua em questão; um molde silábico (*template*) tem a

função de formalizar quais estruturas silábicas são passíveis de ocorrer, e quais não são possíveis, em um determinado sistema.

Nessa perspectiva, a constituição da sílaba é composta por ramificações, uma unidade que agrega segmentos consonantais e vocálicos e possui sua estrutura básica constituída por: *onset*, também chamado “ataque”, elemento que precede o núcleo de uma sílaba e geralmente é formado por uma ou duas consoantes; e rima, constituinte silábico formado por uma posição nuclear e uma posição pós-vocálica de coda, esta última podendo ou não existir. A figura 1 ilustra essa estrutura a partir do infinitivo verbal monossilábico “dar”:

Figura 2. Constituição da sílaba segundo as diretrizes da fonologia não linear



Fonte: Elaboração própria com base em Selkirk (1982)

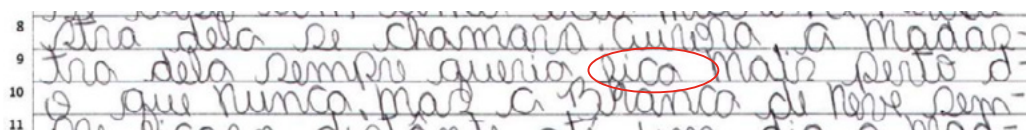
A coda indica a parte pós-vocálica da sílaba que é ocupada por um som consonantal (cf. Cristófaró Silva, 2017, p. 75). De acordo com Bortoni-Ricardo (2004, p. 79), as principais regras fonológicas de variação no português brasileiro ocorrem na posição pós-vocálica da sílaba. Segundo a autora, a sílaba é uma emissão de voz marcada por um ápice de abrimento articulatório e tensão muscular que, na língua portuguesa, é sempre representado por uma vogal. A vogal que compõe o núcleo silábico pode ser precedida e seguida de consoante, e justamente a consoante que ocupa a posição pós-vocálica que está mais sujeita à incidência de variação. Pedrosa (2014, p. 70) também considera que essa posição em coda final favorece o apagamento do /R/ em detrimento de sua aspiração. Cristófaró Silva (2017, p. 76) afirma que, na maioria das variedades brasileiras, quando a coda é ocupada pelo som de R, este pode ser apagado.

Tendência de simplificar a estrutura da sílaba para o padrão CV

Ainda se relacionando à estrutura silábica, podemos elencar a tendência do Português Brasileiro (PB) a simplificar sua estrutura básica ao padrão consoante+vogal (CV). Sene e Barbosa (2018, p. 21), ao discutirem as formas não-convencionais encontradas em textos de alunos do Ensino Fundamental II, mostram que o apagamento da coda silábica ocorre com frequência em palavras com padrão silábico consoante+vogal+consoante (CVC) devido à grande variação fonética que o segmento, em posição de coda, costuma sofrer.

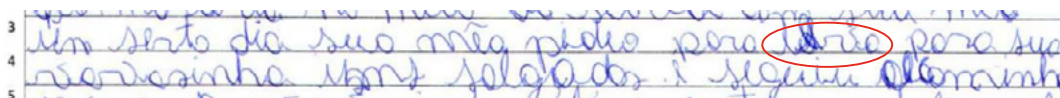
Barreto e Massini-Cagliari (2019, p. 42), em seu estudo sobre o apagamento das consoantes róticas finais, destaca que a tendência do português brasileiro é a de eliminar o -R em final de palavra e simplificar a estrutura silábica, voltando-se então ao padrão CV, estrutura canônica do PB. A seguir, apresentaremos alguns exemplos de frases com infinitivos verbais escritos nas redações coletadas para esta pesquisa, os quais sofreram apagamento do -R final.

1.



“a madastra dela sempre queria *fica* mais perto do que nunca” (Informante nº 09, Escola A)

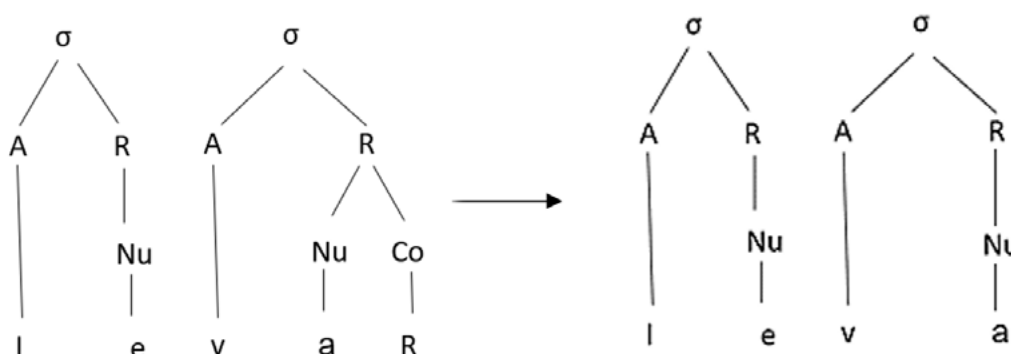
2.



“um certo dia sua mãe pedio para *leva* para sua vovosinha” (Informante nº 29, Escola A)

Nesses casos, dois verbos de primeira conjugação (“ficar” e “levar”, respectivamente) foram escritos sem o -R final, o que, na fala, pode ser representado pelo processo de apagamento do rótico, como ilustrado na figura 3.

Figura 3. Ilustração do processo de apagamento do /R/ no verbo “levar”



Fonte: Elaboração própria

Percebemos que, nesse processo, a posição de coda desaparece, restando apenas uma sílaba formada por ataque e rima – a qual, por sua vez, é formada por um núcleo vocálico. Camara Jr. (2015 [1970], p. 51) aponta que, no PB, podem ocupar a posição pós-vocálica apenas algumas consoantes: “[...] as únicas consoantes pós-vocálicas possíveis são as líquidas (mar, mal) e as fricativas não labiais (pasta, rasgo, folhas, etc.)”. No PB, assim como em outras línguas, a tendência à simplificação da estrutura silábica pode fazer com que haja com maior frequência ocorrências de apagamento em coda, posição que o /R/ ocupa em infinitivos verbais.

Influência do contexto fonológico seguinte

Ao tratarmos de contexto, neste caso, o que vem a seguir do infinitivo verbal, Oliveira (1983 *apud* Hora, 2009, p. 38) afirma que os relatos sobre o apagamento do rótico estão mais relacionados a sua posição de coda final em palavra, e constata que, dos fatores linguísticos, o mais influente é o contexto fonológico seguinte, que pode ser consoante – favorecendo o apagamento –, pausa ou vogal – favorecendo a ocorrência do tepe e, por sua vez, a manutenção do /R/.

Hora (2009, p. 40) afirma que, em posição final, quando o rótico é seguido por uma vogal, em geral, há um processo de ressilabação, no qual o /R/ deixa de ser coda para ser ataque da sílaba resultante, favorecendo a ocorrência do tepe. Ainda sobre esse processo, Tenani (2002) constata que o *tapping* ocasiona uma reestruturação silábica de modo que o elemento da coda passa ao *onset* da sílaba seguinte, o que novamente revela uma tendência à otimização da sequência de sílabas CV. Na tabela a seguir, elencamos a quantidade de infinitivos verbais, classificando-os quanto ao contexto subsequente:

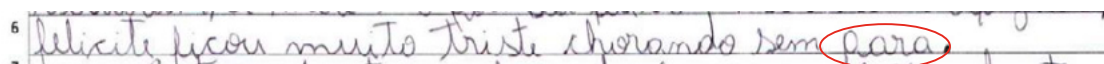
Tabela 2. Quantidade de infinitivos verbais com apagamento de -R classificados quanto ao contexto seguinte

Contexto seguinte	Quantidade de infinitivos verbais que sofreram apagamento			Total
	1ª conjugação (-ar)	2ª conjugação (-er)	3ª conjugação (-ir)	
Consoante	44	11	3	57
Vogal	36	7	2	45
Pausa ⁵	5	2	2	10
Total	85	20	7	112

Fonte: Elaboração própria

No exemplo 3, apresentamos uma das dez ocorrências de apagamento do rótico na escrita de infinitivo verbal cujo contexto seguinte é de pausa (neste caso, a presença de um sinal gráfico de ponto, que delimita o fim do período em questão):

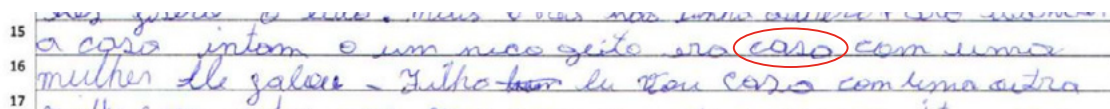
3.



“felicite ficou muito triste chorando sem *para*.” (Informante nº 26, Escola A)

Já para abordarmos os casos de apagamento cujos contextos seguintes são de consoante e de vogal, trazemos primeiramente quatro exemplos que podem auxiliar na comparação entre esses contextos. Os exemplos 4 e 6 foram escritos por um informante, e os exemplos 5 e 7, por outro. Vejamos a seguir:

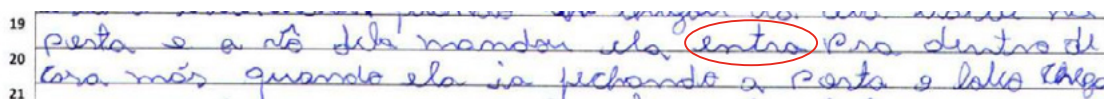
4.



“o um nico geito era *casa* com uma mulher” (Informante nº 38, Escola A)

⁵ Como pausa, consideramos a presença de sinais gráficos de pontuação que indicam a fronteira de um enunciado.

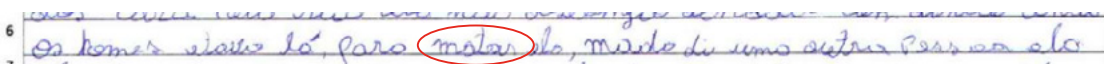
5.



19 o vô dela mandou ela **entra** pra dentro de
20 casa mais quando ela ia fechando a porta e logo chega
21

“o vô dela mandou ela *entra* pra dentro de casa” (Informante nº 43, Escola A)

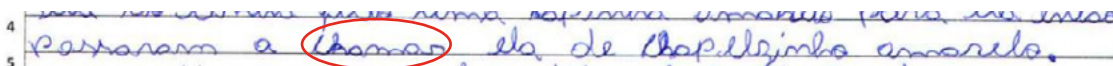
6.



6 os homens vieram lá para **matar** ela, mandou de uma outra pessoa ela

“para matar ela” (Informante nº 38, Escola A)

7.



4 passaram a **chamar** ela de chapelzinho amarelo.
5

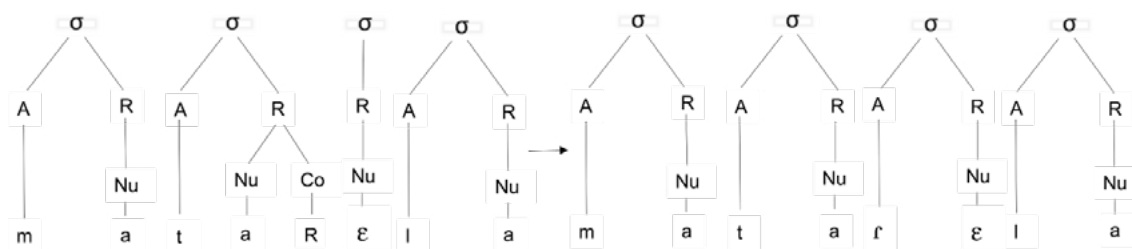
“passaram a *chamar* ela de chapelzinho amarelo” (Informante nº 43, Escola A)

Nos exemplos 4 e 5, os verbos “casar” e “entrar” sofrem apagamento do -R e são seguidos pelas consoantes “c” e “p”, respectivamente, que podem ter favorecido a ocorrência do apagamento. Nas frases dos exemplos 6 e 7, temos os verbos “matar” e “chamar” escritos da maneira como rege a ortografia, mantendo o -R final, no entanto, a vogal seguinte, em ambos os casos, é “é” [ɛ], vogal oral anterior média baixa não arredondada, o que se sugere que as pronúncias fiquem “ma-ta-ré-la” [mataÈREla] e “cha-ma-ré-la” [ʃemaÈrEla], assim, ao se criar o contexto intervocálico, e transformá-lo em consoante pré-vocálica da sílaba seguinte, pode-se configurar a ocorrência do tepe⁶.

Esse fenômeno, também chamado de ligação por Camara Jr. (2015 [1970], p. 61), acontece entre a sílaba final travada “tar” do vocábulo “matar” e a vogal inicial “é” do vocábulo “ela”, que se seguem sem pausa na fala. Nesse caso, a consoante pós-vocálica se liga à vogal imediatamente seguinte e a sílaba final, que era travada por uma consoante “r”, torna-se uma sílaba livre – “ta” [ta] –, ao mesmo tempo em que a sílaba seguinte “é” [E] ganha uma consoante pré-vocálica – “ré” [RE].

6 Cristóforo Silva (2017, p. 210) conceitua tepe como a maneira de articulação das consoantes produzidas com a ponta da língua dando uma rápida batida nos alvéolos ou dentes superiores. O tepe é classificado dentre as consoantes líquidas – grupo de consoantes que agrega as soantes não nasais (p. 146) – e os róticos – segmentos relacionados ao som de R (p. 196).

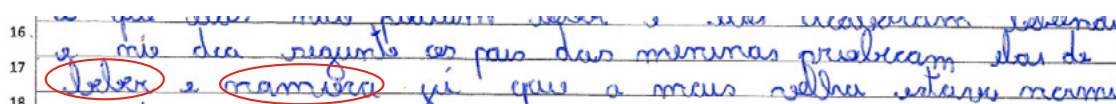
Figura 4. Ilustração do processo de *tapping* em “matar ela”



Fonte: Elaboração própria

Outra situação interessante ocorre na frase do exemplo 8, envolvendo os verbos “beber” e “namorar”:

8.



[...] proibiram elas de *beber* e *namora* já que a mais velha estava namorando o príncipe.” (Informante nº 01, Escola B)

O verbo “namorar” sofre apagamento, já o verbo “beber” tem seu -R mantido, apesar da proximidade dos dois verbos. Uma hipótese a ser considerada nesse caso é de que o contexto morfossintático em que há a presença da vogal “e”, como um conectivo de adição, pode ter influenciado a manutenção do -R, pois provoca um processo de ressilabação. Assim, o /R/ que estava na coda no fim do verbo no nível da palavra, passa a integrar o *onset* de uma nova sílaba no nível da frase (algo como [bebeRinamoÈRa]).

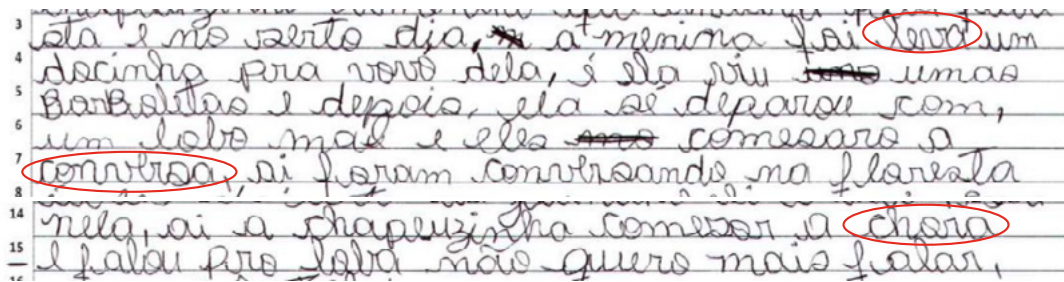
Essas ocorrências evidenciam a relação entre o conhecimento fonético e fonológico que os alunos já têm e as suas escolhas, que não acontecem de forma aleatória, mas podem ser motivadas principalmente pela oralidade, ao fazerem o uso da escrita.

Influência do contexto fonológico precedente quanto ao traço de altura

Mendes e Oushiro (2014, p. 257-258) abordam que o contexto fônico precedente quanto ao traço de altura revela correlação, uma vez que o apagamento do rótico final é favorecido quando precedido de vogais com traço [+baixo] (a, ɔ, ε) e desfavorecido por vogais com traço [+alto] (i, e, o, u). Ou seja, a precedência da vogal baixa /a/ pode facilitar a ocorrência do apagamento em razão do seu traço de altura.

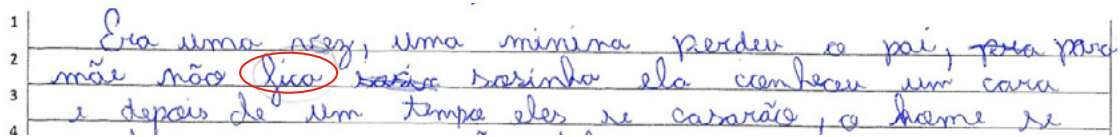
A vogal /a/ é classificada como vogal baixa central⁷ neutra, cujo traço [-alto], como apontam Mendes e Oushiro (2014), pode influenciar a grande ocorrência de casos de apagamento nos dados coletados. Vejamos mais exemplos:

9.



“a menina foi *leva* um docinho pra vovo dela [...] e eles comesaro a *conversa*, ai foram conversando na floresta [...] ai a chapeuzinha comesor a *chora* e falou pra loba” (Informante nº 17, Escola A)

10.

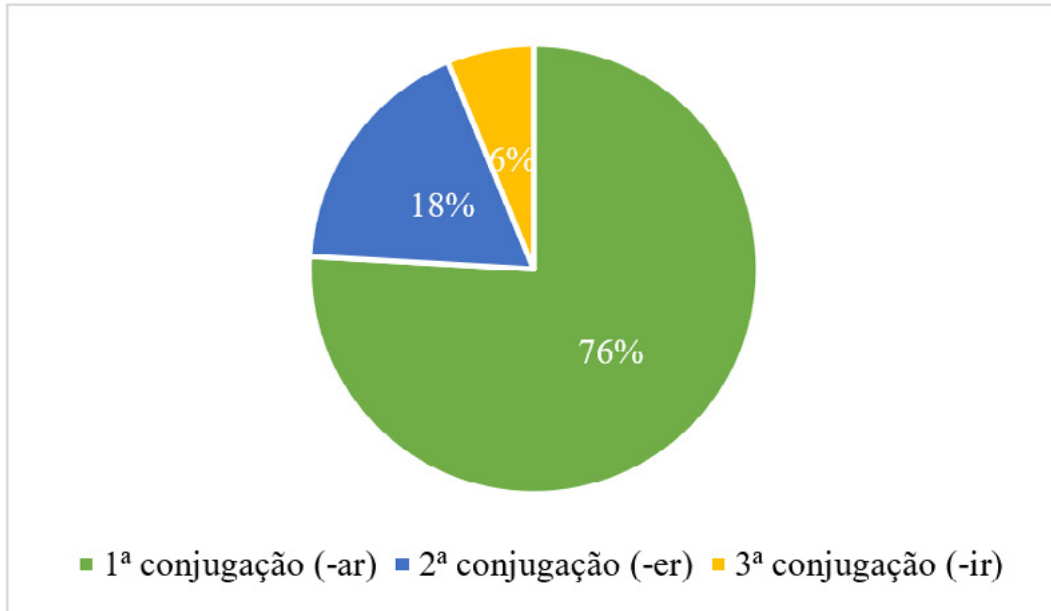


“para mãe não *fica* sosinha ela conheceu um cara [...]” (Informante nº 05, Escola B)

Dessa maneira, nos dados coletados nesta pesquisa, a maior ocorrência de apagamento do -R deu-se em infinitivos verbais da 1ª conjugação (-ar), o que vai ao encontro do mencionado anteriormente por Mendes e Oushiro (2014). A figura 5 ilustra o quantitativo em porcentagem de infinitivos verbais que sofreram apagamento do -R final dentre as redações coletadas para esta pesquisa, classificados quanto a sua conjugação (-ar, -er-, ir):

⁷ Alguns autores, como Cagliari e Massini-Cagliari (2006, p. 129), classificam-na como anterior.

Figura 5. Quantidade de infinitivos verbais com apagamento do -R classificados quanto a sua conjugação



Fonte: Elaboração própria

É preciso também considerar, sobre os dados apresentados neste estudo, fatores como probabilidade – se houve mais verbos escritos terminados em -ar, é provável que haja mais ocorrências nestes. Ainda assim, pode-se constatar que, dos 112 infinitivos verbais que sofreram apagamento, aproximadamente 76% eram de primeira conjugação, o que denota uma grande diferença em termos de quantidade das ocorrências desse fenômeno nas outras conjugações verbais.

Correlação entre a extensão do vocábulo e a ocorrência ou não de apagamento do -R final

Segundo Costa (2015, p. 93), na oralidade, é mais comum o falante suprimir o /R/ em final dos infinitivos e em palavras com mais de uma sílaba. Callou, Moraes e Leite (1998, p. 66) constataram que a perda do /R/ é mais frequente nos verbos: o infinitivo e a primeira e terceira pessoas do futuro do subjuntivo. Já nos não verbos, em que o -R não carrega informação gramatical, o peso relativo é baixo. Além disso, essa regra de supressão é variável de acordo com o tamanho da palavra, as palavras com apenas uma sílaba sofrem menos variação. Na tabela 3, apresentamos a quantificação dos infinitivos verbais com e sem apagamento de -R, classificados de acordo com a quantidade de sílabas:

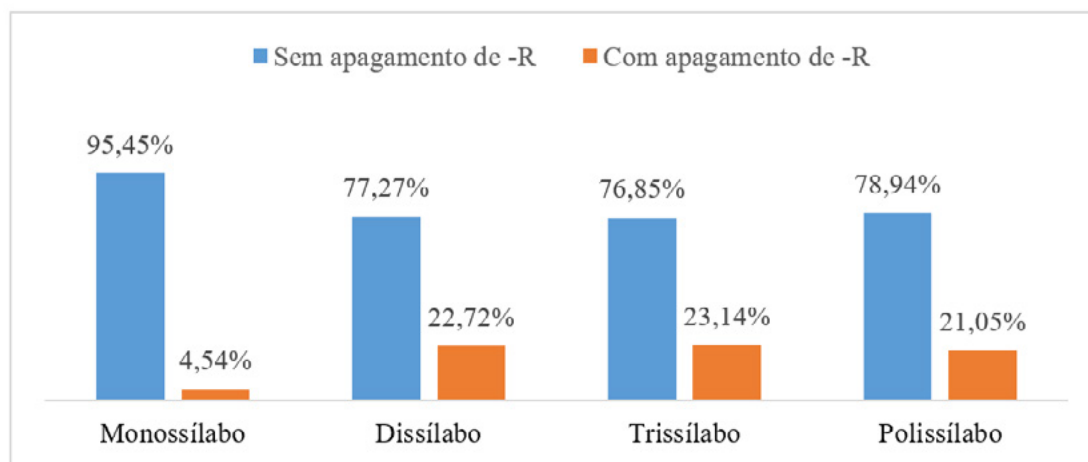
Tabela 3. Quantidade de infinitivos verbais com e sem apagamento de -R classificados quanto ao número de sílabas

Número de sílabas	Infinitivos verbais que sofreram apagamento de -R	Infinitivos verbais que não sofreram apagamento de -R	Total
Monossílaba	3	63	66
Dissílaba	80	272	352
Trissílaba	25	83	108
Polissílaba	4	15	19
Total	112	433	545

Fonte: Elaboração própria

Na figura 6, ilustramos um comparativo entre a quantidade de infinitivos verbais com e sem apagamento, relacionando por sua classificação quanto ao número de sílabas:

Figura 6. Comparativo entre infinitivos verbais com apagamento de -R classificados quanto ao número de sílabas



Fonte: Elaboração própria

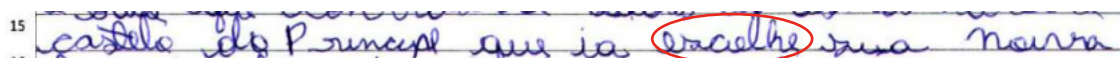
Estudos demonstram, como apresenta Mollica (2016, p. 29), que enunciados longos tendem a perder substância fônica em função do princípio de economia ou lei do menor esforço: não é raro encontrar-se o apagamento do /R/ em palavras de grande extensão como comparecer > comparece.

Nos dados de escrita analisados nesta pesquisa, a maior porcentagem (considerando cada classificação quanto ao número de sílabas, como aponta a figura 6) de apagamento do -R ocorreu em infinitivos verbais trissílabos: 23,14% dos verbos trissílabos escritos

tiveram o -R apagado na escrita desses alunos. No entanto, a diferença entre verbos dissílabos, trissílabos e polissílabos foi pequena, já que nesses também a porcentagem que sofreu apagamento do -R ficou entre 21% e 23%.

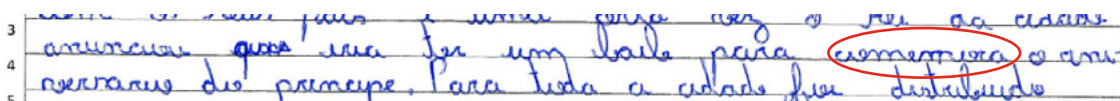
Vejamos alguns exemplos de infinitivos verbais trissílabos e polissílabos que sofreram apagamento do -R final:

12.



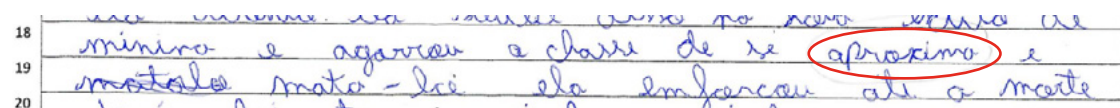
"[...] do Príncipe que ia escolhe sua noiva" (Informante nº 21, Escola A)

13.



"anunciou que iria ter um baile para comemora o aniversário do príncipe" (Informante nº 01, Escola B)

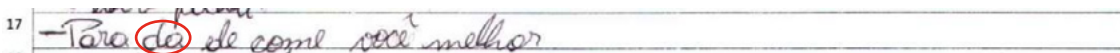
14.



"e agarrou a chaste de se aproxima e mata-la" (Informante nº 05, Escola B)

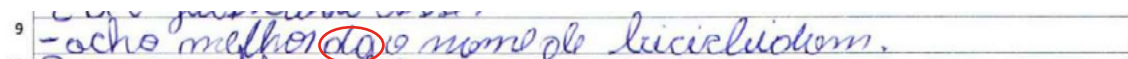
Por sua vez, os verbos monossílabos apresentaram menor ocorrência de apagamento, apenas 4,54%. Isso pode evidenciar que, a partir dos resultados desta pesquisa, os infinitivos verbais monossilábicos são menos suscetíveis a apagamento do -R final na escrita. A seguir, os três casos que foram identificados nas redações coletadas:

15.



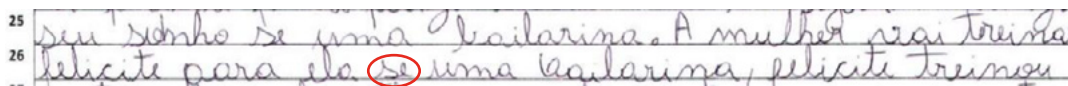
"- Para da de come você melhor" (Informante nº 05, Escola A)

16.



“ – acho melhor *da* o nome de bicicleidom” (Informante nº 23, Escola A)

17.



“A mulher vai treinar felicite para ela *se* uma bailarina” (Informante nº 26, Escola A)

Bortoni-Ricardo (2004, p. 85) afirma que

[...] em todas as regiões do Brasil, o /r/ pós-vocálico, independentemente da forma como é pronunciado, tende a ser suprimido, especialmente nos infinitivos verbais: “correr > corrê; almoçar > almoçá; desenvolver > desenvolvê > sorrir > sorri. Quando suprimimos, alongamos a vogal final e damos mais intensidade a ela. [...] O falante da língua, quando suprime um /r/ em infinitivo verbal ao escrever, faz isso porque na língua oral ele já não usa mais esse /r/.

A autora aborda o conseqüente alongamento da vogal final dos infinitivos verbais na fala, representado pela acentuação gráfica que faz para ilustrar a tonicidade dessas vogais. Esse possível alongamento na fala pode ser representado pelo aluno, também, na escrita, pelo acento gráfico, evidenciando que o estudante tem conhecimento da sílaba tônica da palavra em questão. No entanto, nos dados observados para este trabalho, não houve ocorrência de acentuação gráfica da última vogal.

Outra hipótese a ser investigada é de que possa haver tendência ao apagamento do -R por influência da variante frequente da região de Porto Velho, em contexto de coda silábica, tratando-se predominantemente do alofone [h] – fricativa glotal desvozeada, como aponta Capilé (2004, p. 64), ao concluir, a partir dos dados de fala de porto-velhenses, que os róticos de seus informantes, excetuando-se o tepe, são fricativos e apresentam faixas de frequência próprias de fricativas posteriores, sendo surdo ou sonoro dependendo do contexto. Contudo, esse é um ponto que demanda maior exploração e comparação com dados de fala em outros contextos regionais, além de possíveis gravações de fala de informantes nativos desta região.

É importante destacar ainda que, embora haja uma quantidade considerável de ocorrências de infinitivos verbais escritos sem o -R final, podemos perceber, a partir dos dados analisados, que 79,44% dos infinitivos verbais foram escritos da maneira como

rege a ortografia. Isso indica que, embora ainda haja ocorrências dessas formas não-convencionais no 6º ano, a proposta de ensino escolar funciona, em parte, já que boa parcela dos infinitivos verbais foram escritos da maneira como determinam as regras ortográficas. Os alunos, por estarem em fase de amadurecimento linguístico, formulam e reformulam hipóteses ao escreverem e, por vezes, podem escolher uma forma diferente da convencional ortograficamente. Nos dados coletados, 79,44% dos casos foram escolhidos de maneira adequada à norma, fator considerável para ser mencionado em nossa análise, embora não tenha se apresentado como foco deste estudo.

Assim, a partir das 112 ocorrências de apagamento do -R em final de infinitivos verbais dispostos nas 82 redações analisadas, os fenômenos apresentados pelos resultados desta pesquisa demonstram a relevância de se investigar os fatores linguísticos condicionantes desse fenômeno. Como considerações gerais a partir dos resultados deste estudo, constatamos: i) os alunos informantes estão em fase de aprendizagem das convenções da escrita; ii) os fatores condicionantes de apagamento de /R/ na fala, como a posição de coda final, podem influenciar a forma não-convencional de apagamento do -R na escrita de infinitivos verbais; iii) o contexto fonológico pode influenciar o (não) apagamento do rótico, que, a partir dos dados analisados, se mostra mais frequente em verbos de 1ª conjugação e seguidos de consoante.

Considerações finais

Compreender as variantes fonológicas da língua facilita o trabalho da relação entre a oralidade e a escrita, portanto, é extremamente relevante dar sequência aos estudos sobre fenômenos fonético-fonológicos que possam influenciar as formas não-convencionais na escrita de alunos. Para Cagliari (1992, p. 41), o conhecimento das teorias linguísticas deve fazer parte indispensável da bagagem intelectual de um professor competente, conhecedor profundo do trabalho que realiza.

A partir da observação do fenômeno do apagamento do -R em fim de infinitivos verbais em redações escolares, mais especificamente, em 82 textos narrativos produzidos por 82 alunos do 6º ano do ensino fundamental, pudemos observar que, do total de 545 ocorrências de verbos no infinitivo da 1ª, 2ª e 3ª conjugações, 112 sofreram o apagamento do -R final, o que corresponde a, aproximadamente, 20,55%.

Desse modo, como os fatores condicionantes do apagamento do /R/ na fala também se apresentam quando se observa o apagamento do -R ortográfico na grafia de infinitivos verbais, consideramos que há uma relação entre o fato de escrita analisado e a oralidade. Entretanto, é importante observar que o apagamento do -R na escrita ocorre em uma porcentagem baixa de verbos, o que nos leva a refletir que os alunos analisados se encaminham para o aprendizado das convenções da escrita, possivelmente, adquirindo

consciência de que, ainda que apaguem os sons correspondentes ao /R/ na fala, a escrita dessas palavras deve apresentar apresenta o grafema -R.

Analisar o fenômeno de apagamento de -R em final de infinitivos verbais em produções textuais de alunos e seus fatores condicionantes auxilia na compreensão da relação mais ampla entre a oralidade e escrita e constitui um importante exercício de reflexão e análise linguística. Quando são conhecidas as características internas à língua que podem estar relacionadas, esse conhecimento contribui para a elaboração de estratégias pedagógicas que poderão ajudar a superar dificuldades de escrita específicas, em direção a uma melhor compreensão sobre como determinados aspectos fonéticos e fonológicos da língua portuguesa podem impactar/favorecer casos de escrita não-convencional.

REFERÊNCIAS

ALVES, U. K. Teoria da Sílabas. In: HORA, D.; MATZENAUER, C. M. (org.). *Fonologia, fonologias: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2017. p. 125-140.

BARRETO, D. A. dos R. J.; MASSINI-CAGLIARI, G. O apagamento das consoantes róticas finais: um estudo comparativo entre o português arcaico e o português brasileiro. *Revista do GEL*, v. 16, n. 1, p. 37-52, 2019. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/1873>. Acesso em: 20 dez. 2022.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Nós chegemos na escola, e agora?: sociolinguística e educação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

CAGLIARI, L. C. *Alfabetização e Linguística*. São Paulo: Scipione, 1992.

CAMARA JR. J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 2015.

CALLOU, D.; MORAES, J.; LEITE, Y. Apagamento do R Final no Dialeto Carioca: um estudo em tempo aparente e em tempo real. *DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, v. 14, n. especial, p. 61-72, 1998. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/43392>. Acesso em: 25 nov. 2022.

CAPILÉ, A. M. P. *Análise Fonética de Róticos falados por habitantes nativos da região urbana de Porto Velho*. 2004. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Rondônia, Guajará Mirim, 2004.

COSTA, I. D. Q. *Da oralidade à escrita: uma abordagem fonológica sobre o apagamento do "r" na escrita de alunos do 8º ano do Ensino Fundamental II*. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras e Artes, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2015.

CRISTÓFARO SILVA, T. *Dicionário de fonética e fonologia*. São Paulo: Contexto, 2017.

CRUZ OLIVEIRA, S.; PRADO, N. O apagamento do /R/ em final de infinitivos verbais em redações de alunos do Ensino Fundamental II. *Revista de Estudos da Linguagem – Falange Miúda*, v. 5, n. 2, p. 68-86, 2020. Disponível em: <http://www.falangemiuda.com.br/index.php/refami/article/view/334>. Acesso em: 27 dez. 2022.

CLEMENTS, G. N.; HUME, E. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, J. (ed.). *The Handbook of phonological theory*. Oxford: Blackwell, 1995.

HORA, D. *Fonética e Fonologia*. Curso de Letras. Fascículo II. UFPB, 2009. Disponível em: http://biblioteca.virtual.ufpb.br/files/fonatica_e_fonologia_1360068796.pdf. Acesso em: 29 ago. 2020.

HORA, D.; VOGLEY, A. Fonologia autosegmental. In: HORA, D.; MATZENAUER, C. M. (org.). *Fonologia, fonologias: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2017. p. 63-80.

MENDES, R. B.; OUSHIRO, L. O apagamento de (-r) em codas nos limites de variação. *Veredas on-line – atemática*, Juiz de Fora, v. 18, n. 2, p. 251-266, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/24963>. Acesso em: 27 dez. 2022.

MOLLICA, M. C. *Influência da fala na alfabetização*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 2016.

OLIVEIRA, M. A. *Conhecimento lingüístico e apropriação do sistema de escrita: caderno do formador*. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

PEDROSA, J. L. Variação fonético-fonológica e ensino de Português. In: MARTINS, M. A. *Ensino de português e sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2014. p. 57-79.

SENE, M. G.; BARBOSA, J. B. Quando a oralidade chega à escrita: discutindo os desvios ortográficos em textos do Ensino Fundamental II de Uberaba/MG. *Revista A cor das Letras*, v. 19, n. 3, p. 7-26, 2018. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/4340>. Acesso em: 20 nov. 2022.

SIMÕES, D. *Considerações sobre a fala e a escrita: fonologia em nova chave*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

SELKIRK, E. The syllable. In: HULST, H. V. d.; SMITH, N. (org.). *The structure of phonological representations: Part 2*. Dordrecht: Foris, 1982. p. 337-384.

TENANI, L. E. *Domínios prosódicos no Português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos*. 2002. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.